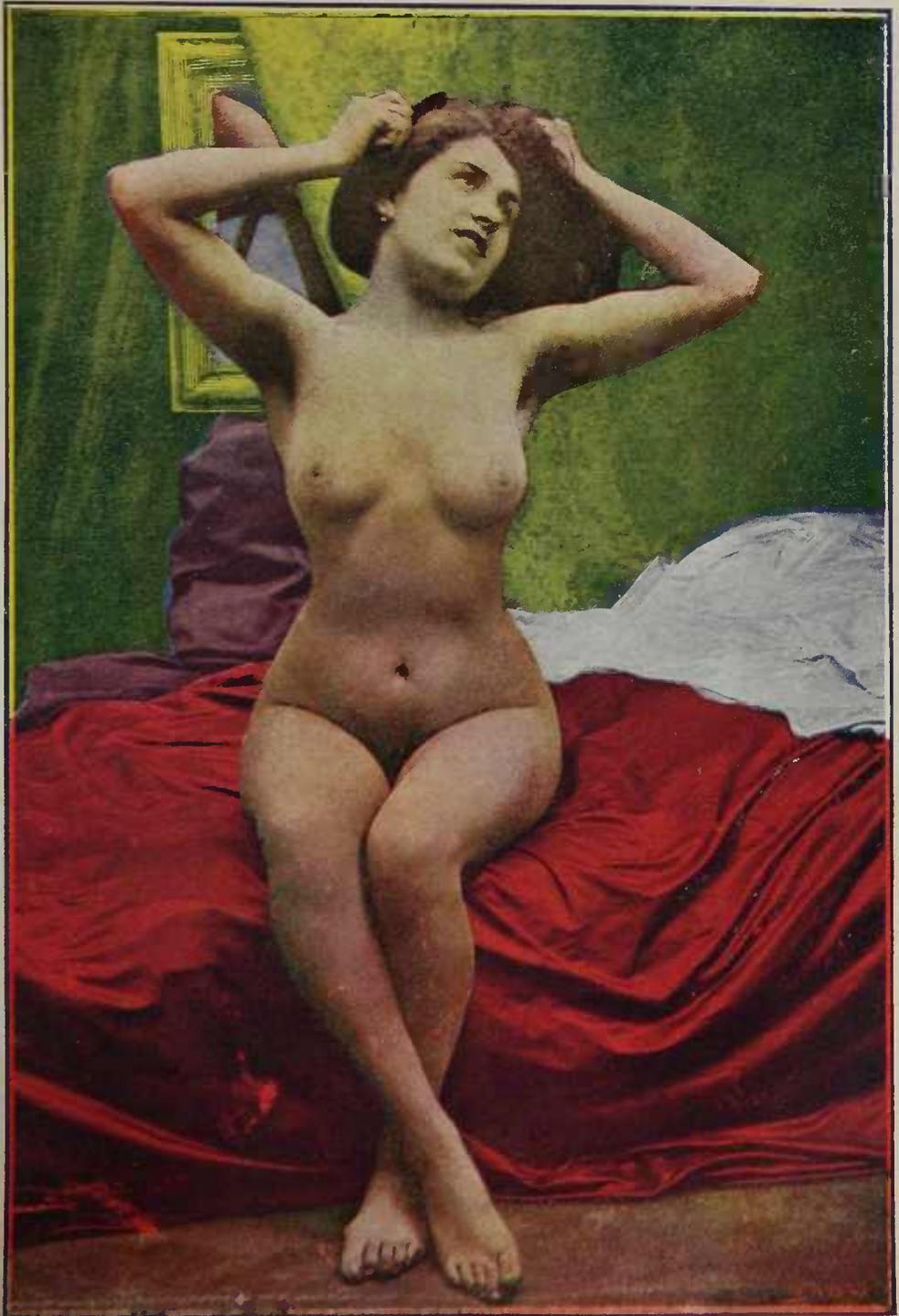


N. 53

RISO

Prezzo
\$200

MAIO



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO À VENDA :

Familia Beltrão	1\$500 réis	Como ellas nos enganam.	600 »
Variações de Amor	800 »	Victoria d' Amôr	600 »
Comichões	800 »	Um para duas	800 »
Album de Cuspidos 2ª Serie	1\$000 »	Velhos gaiteiros	500 »
Aventuras de Procopio.	1\$500 »	Diccionario Moderno	500 »
Rainha do Prazer	600 »	Barrado	600 »
Flôres de laranjeiras	800 »	Horas de Recreio	600 »

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um	200 réis
Seis	1\$000 »
Pelo correio	1\$500 »

NO PRÉLO

O Chamisco ou O querido das mulheres

Interessante narrativa das aventuras de um mancebo, possuidor de um poderoso *talisman* que o tornava irresistivel.

Este elegante livro é dotado de lindas gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1912



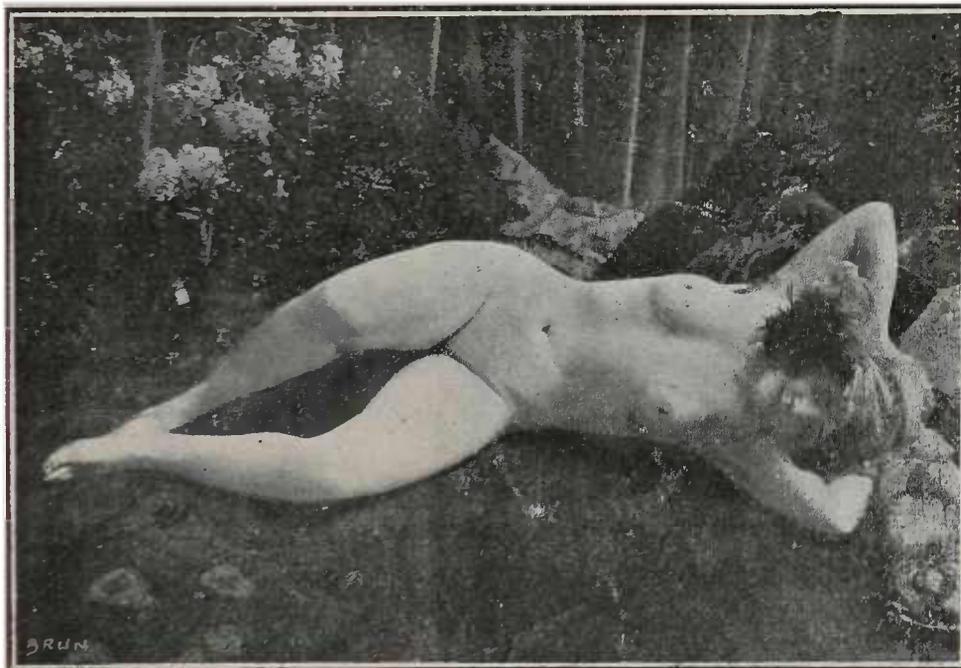
RISO

Semanario artistico e humoristico

NUM. 53

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



Y Y Y Y X X X X O O
U U U U A A A A O O !

Um anno faz que *O Riso*
Mão grado muita gente, appareceu
A tilintar sonoramente o guizo
Da troça e da alegria!
E, dês que elle *nasceu*...
Até hoje, que um anno então completa,
Em continua folia
Os dias tem levado, e ha de leval-os
Pela senda futura,
Da brejeirice a manejar a setta...
Pelo gostinho de *pisar os callos*
Da sucia de *catões*
De fancaria e intelligencia obscura!

Um anno! Quem diria
Que esse *petiz* levado da carepa,
Que em tudo e todos trepa...
Vingava assim com tanta galhardia?
O facto é que vingou! foi bem fadado,
E, graças ao leitor,
Bondoso e compassivo,
E á leitora gentil que o tem guiado...
Eil-o que segue, cada vez mais vivo
E mais esperto ainda
Por essa estrada linda
Que lhe traçou Cupido, o Deus do Amor...

Para acabar com o *deficit*, segundo o
seu pomposo programma, o governo emit-
tiu 105 mil apolices.

✻ ELIXIR DE NOGUEIRA — do Pharmaceutico Silveira
Cura a syphilis. ✻



CHRONIQUETA

Cá estou, leitor, novamente na aprumada rijo e forte depois de haver, felizmente, fugido ás garras da morte que por ali anda ás cégas arrebanhando as alminhas, e andou a fazer *fosquinhas* pelo lombo cá do dégas... Não foi, porém, desta feita que a burra cantou victoria; graças a Deus, a *sujeita* não levou a banca á Gloria; Quero dizer, desta vez não ganhou ella a partida, teve mesmo de a perder porque o «parceiro», o «freguez» tem bastante apego á vida e é *durinho* de roer...

E agora, que já está dada ao bom leitor a razão porque fiz uma *gazeta*, p'ra sahir do *ramerrão* vou traçar a *Chroniqueta* em prosa... talvez rimada.

Esteve o negocio serio pela zona do Senado! pois, o general Glycerio, que agora surge zangado e as coisas quer p'lo direito, discutiu com *seu* Urbano e... quasi, quasi foi feito para cima desse *mano* p'ra fazer um *estropicio* (e a coisa esteve por pouco...) entrando num exercicio de... bofetão ou de socco!

Si o seu collega Azeredo não acóde com presteza para dar fim do *brinquedo*, que estava feio p'ra burro, não era por certo a mesa (que tudo ali supportou) quem levaria o tal *murro* que *seu* Glycerio arrumou!...

Pena foi que a *brincadeira* ficasse ali circumscripta... Si houvesse *roto* ai que «fita! Oh! que fitão de primeira!

O leite falsificado vem de novo á baila agora. Este assumpto é tão fallado que a musa tambem o explora num ligeiro commentario, por não ver uma razão que de bom grado se acceite para que haja tanto leite por ahi, tão ordinario, p'ra dar á população!

Os taes falsificadores, que não passam de uns patifes, gananciosos ganhadores, devem ser feitos em *bifes* porque a *bandalheira* é grossa.

Na verdade, custa a crêr que do povo se debique e o leite se falsifique numa terra como a nossa onde ha *vaccas* a valer!...

Lá se foi para a Argentina a commissão de Intendentes municipaes, que á *menina* (que ás vezes nos mostra os dentes...) foi visitar. Afinal, essa «representação» que é mesmo pyramidal e vae custar tantôs contos, é uma bella *cavação* que

a gente logo divisa si nos *ii* puzer os pontos...

Por certo o Brazil precisa de propaganda lá fóra, mas... a commissão que agora *cavou* tão bello passeio á custa do Municipio, não leva só, por principio, a propaganda, isso eu creio...

Queira Deus que os Conselheiros tenham lá muito juízo e empreguem bem os «dinheiros» naquillo que fôr preciso, e, tambem, que no regresso á nossa terrinha amada, não volte nenhum possesso por trazer, por despedida (tudo é crível nesta vida) um adeus... de *mão fechada*...

Muita graça tem a historia desse casal de pretinhos que a semana forneceu!

Ella, a Maria da Gloria, elle, o malandro Aristeu, são dois *retintos pombinhos* mal sahidos dos cueiros, mas que já se namoravam e tinham planos brejeiros...

Juntos ambos trabalhavam na mesma casa, e d'ahi, se foram catrapiscando... até que um dia o Aristeu, lindos castellos formando, propoz casorio á *huri*... e as azas então bateu com destino á Pretoria, certo que o bom do Pretor para sempre os uniria, pois, casavam por amor...

Na rua, de braços dados, iam aquelle par gentil... cheios de sonhos dourados, quando o diabo de um *civil* desmanchou toda a delicia, fazendo com que os *pombinhos* seguissem para a Policia, tal qual, muito juntinhos...

Ahi é que teve a historia mesmo gracia sem igual! Logo a Maria da Gloria declarou que o Aristeu já lhe tinha *feito mal*... e, visto que prometteu que com ella casaria, seguiam p'ra Pretorip para o *mal* ser *reparado*...

Depois de ouvir tudo aquillo resolveu o delegado mettel-os em um um asylo (pois que são ambos menores, apesar de muito astutos...) para, depois de maiores casarem-se os dois *charutos*

Agora, na *Chroniqueta* por hoje vou dar com o «basta», porquanto, a Musa faceta me obriga a deixar a «pasta» e... obedecel-a é preciso; mesmo porque hoje é dia de muita e muita alegria cá pela tenda do *O Riso*.

Deiró Junior.



Cachimbo de barro falantes

Um 500 réis.

Estojo completo — 5\$000
não fazem a bôcca torta.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem... 15.000 exemplares.

Numero avulso... 200 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital.. 10\$000

Exterior... 12\$000

Tira bicho

(CANÇONETA)

As doutoras, mulheres chinezas,
Que fizeram campanha ao bichinho,
Pr'a tiral-o com geito e cuidado
Só botavam no olho um pausinho,

Estrilbilho

Feliz do mortal
Que a bem do seu mal
Provou tal pausinho;
Porque com prazer
Não vê mais mexer
No olho o bichinho

E assim, pois, noite e dia, as doutoras,
Sem descanso na lucta fervente
Retiravam milhões dos taes bichos
Do olhinho de mui boa gente

Feliz do mortal, etc., etc.

Veio um dia, porém, e alguns medicos,
Gente cheia de forte malicia
Sem fé terem nos bichos das «bichas»
Foram dar uma queixa á policia

Feliz do mortal, etc., etc.

E as mulheres dos paus, intimadas,
Não poderam fugir ao capricho,
E enfrentando uns doutores sabidos
Não tiraram de um olho um só bicho

Feliz do mortal, etc., etc.

E por isso, a policia zangada,
E pr'a bem do «Zé Povo» innocente,
Ella disse: «Abra o olho seu «Zé»,
Do tal bicho não ha nem semente,

Feliz do mortal, etc., etc.

Mas o facto é que alguma menina,
Ou menino, velhinha ou velhinho,
Pr'a escaparem da furia do bicho
Receberam no olho o pausinho.

Feliz do mortal, etc., etc.

Quem deixou de tirar do seu olho,
Algum bicho que nelle existia
Ha de ter comichões dolorosas
Do bichinho a mexer noite e dia.

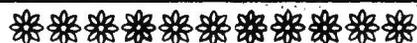
Feliz do mortal, etc., etc.

Mas se alguem alguns bichos tirou,
Ha de ter sensação de arrepio
Pois o bicho sahindo do olho
Terá sempre o seu olho vasio—

Feliz do mortal, etc., etc.

Rio—6 de Maio de 1912.

E. Silveira.



— Você é mesmo um grande sem vergonha, *seu* Anacleto! Pois com essa idade você ainda apanha *esfriamentos* dessa ordem ?...

— Que queres, filho? são desgraças que acontecem... Demais, eu já estou quasi bom, graças ás injeções de *Mucusan*, que é um santo remedio para essas *defluxeiras*...





O Braga

Ahi têm os leitores a carantonha, perdão! a carinha do *papá* d'O Riso, pois foi elle quem deu á luz — salvo seja! — esse travesso *petiz* que hoje colhe a primeira flor no jardim de sua preciosa... etc. etc.» e isso graças á boa qualidade da *semente* plantada, que, germinou lindamente, para gaudío dos leitores e delicia das leitoras...

Ao Braga, pois, abraçamos effusivamente pela «festiva data», na qualidade de preceptores que somos do endiabrado *pequeno*, cujos direitos paternaes nos passou.



A Academia

A academia de letras elegeu seu membro o dr. Oswaldo Cruz.

Ao que nos conste, o sr. dr. Oswaldo não é literato, mas simples medico.

Como se explica então essa eleição? Dizem por ahi o seguinte: a Academia deve ser o *expoente* da nossa mentalidade, sendo o dr. Oswaldo um grande bacteriologista, a sua entrada está justificada.

Concordamos e pedimos licença para lembrar a douda corporação que em todas as profissões entra mentalidade; e, se bacteriologia, por isso, invadiu as letras, é justo que tambem se *conceda* essa invasão á engenharia, á *pharmacia*, á alfaiataria, á cozinha, á *sapataria*, etc.

Dessa forma perguntamos: Porque não se põe lá o Sr. Conde de Frontin que, apesar dos constantes desastres da Central, é considerado uma gloria da engenharia brasileira? Porque não entra o Sr. Orlando Rangel, um dos mais considerados *pharmaceuticos* desta cidade?

Porque já não é seu membro o Sr. Almeida Rabello, o grande alfaiate que todos conhecem?

Porque já não fez o seu discurso de



recepção o notavel Abrunhosa, sapateiro de rara fama?

Porque ainda não foi indicado o famoso Pechincha, cozinheiro esforçado, digno emulo do legendario Vatel?

Todos os notaveis, eminentes representantes das varias profissões em que se divide a sociedade lá deviam estar; e abrir uma excepção para a bacteriologia é desconsiderar as outras profissões, sciencias e artes, que, á luz das doutrinas modernas, são tão nobres como aquella.

Sensualismo !...

Febril desejo a triste alma invade,
Ao contemplar-te as formas sedutoras!
Ah! Sensualismo! Resistir quem ha de,
Em frente a carnes embriagadoras?!...

Labios rosados de mulheres louras,
Sejos... cinturas... fazem-me saudade
De Eras passadas, tão encantadoras,
De horas infindas de sensualidade!

Procuro embalde ver em toda parte,
As formas finas de belleza e arte,
Onde minh'alma encontre enfim repouso...

Tudo me foge!... Triste, no abandono,
Anceio um dia de prazer, no somno,
Beijar-te o collo a estremecer de gozo.

Rio, 1912.

Fon-Fon.



O irmão

—Tu que és solteiro, não podes avaliar o quanto aborrece a mulher legítima. Se é boa e resignada, é porque é boa e resignada; se é impicante e rabugenta, é porque é impicante e rabugenta. Em nossa justiça íntima, queremos nos revoltar contra tão injusta coisa; mas que se ha de fazer, é da fatalidade dos nossos nervos e contra esta nada podemos. O casamento, continuo a dizer com muita gente, é coisa bem absurda e, como elle, é tambem a familia. Deixemos, porém, dessas considerações e contemos o caso.

Casado desde uns dez annos, comeci a aborrecer-me de minha mulher de uma forma terrivel. Ao chegar em casa, após os meus affazeres, tinhamos sempre altercações. Ora, por isto, ora, por aquillo, o certo é, viviamos como cão e gato.

Não sabia como afugentar tão maldito estado de nervos e tudo experimentei, desde o alcool até á strychnina.

Estava resolvido a matar-me, quando

me acudiu um remedio. Não sei mesmo como me veio tal idéa. Creio que foi com a leitura de algum romance, porque tão extravagante idéa só podia vir com a leitura de romances.

—Qual foi a idéa? perguntou o amigo.

Aquelle que expunha, tirou uma longa fumaça do cigarro e continuou:

Arranjar uma amante.

—Arranjaste?

—Espera um pouco. Tratei do caso com toda a cautela, embora tivesse pressa. Sabes perfeitamente que me casei aos vinte e dous annos, e pouco conhecia, portanto, os lugares onde se arranjam essas boas creaturas.

Emfim, como, quando a gente quer, quer mesmo, acabei arranizando uma. Era uma interessante rapariga de cabellos castanhos, bem proporcionada e chamava-se Alice.

—Costureira?

—Isto mesmo. Conheces?

Conheço. Foi amante de um amigo meu, o Costa.

Um alto, de bigodes alourados?

—Este mesmo.

—Então has de ver o fim. Continuo. Arranizei uma amante, a tal Alice. Montei uma casa para ella, mobiliei-a; e, um dia sim, um dia não, lá passava as noites deliciosamente. Parecia que me tinha casado outra vez e — coisa curiosa! — deixei de ter altercações com minha mulher, o aborrecimento passou e nos entendiamos ás mil maravilhas. Creio que, vendo a minha mudança de genio, a minha cara metade não se agastou com as minhas fugas do trabalho conjugal. Eu ia á casa de Alice, ás terças, quintas e sabba-dos e o resto da semana ficava reservado para os meus deveres conjugaes.

Uma segunda-feira deu-me saudades dos beijos de Alice e lá fui. Custou a abrir-me. Afinal abre a porta e dou com um sujeito, cujos traços coincidia com os desse tão conhecido Castro.

—Que te disse ella?

—Apresentou-me: é meu irmão.

Felicidade conjugal

Tinham os dous velhos, depois de 30 annos de casados, se retirado para uma pequena chacara que possuíam nos arredores da cidade.

Viviam sós com as criadas, pois os filhos tinham tomado o seu destino e ali passavam uma vida bem monotoná, cuja monotonia não era interrompida nem pela chegada de visitas cacetes.

O velho, commendador Flores levava o dia a dormir, após ler o «Jornal do Commercio» do começo ao fim; e a favelha a resmungar com as criadas e a zer um interminável *crochet*.

A hora melhor para elles era a do crepusculo, com a qual tinham secretas afinidades, sendo em suas almas uma paz deliciosa e uma emoção tipida.

Quando ella se approximava, lá iam elles para o jardim e, no caramanchão, ficavam a olhar perdidamente o poente, onde o sol morria num mar de sangue e ouro.

Certas vezes conversavam, outras ficavam extaticamente calados, olhando unicamente, quasi sem pensar, ambos mergulhados naquella hora transcendente da natureza, em que a terra e o céu se approximam num abraço demorado de despedida,

Naquella tarde, ambos, como de costume, vieram para o caramanchão e o Commendador Flores disse á sua mulher:

— Adelaide, podemos dizer que fomos bem felizes. Criamos todos os nossos filhos e elles vão levando a vida em progresso.

— E' verdade, Chico, podemos morrer satisfeitos.

— Nisto o *Sultão*, um gato preto, muito preto, muito gordo e voluptuoso, foi se chegando e, depois de roçar nas pernas do Commendador, saltou ao collo de D. Adelaide. Aquella velhice quasi polar, teve um estremeção ao contacto da pelle electrificante do felino. Não poude deixar de afagal-o muitas vezes e, com o calor do animal, lembrou-se de satisfações mortas e disse com prazer:

— Fomos bem felizes, hein, Chico?

— E' verdade.

— Tu te lembrás quando me deste o primeiro beijo?

— Não. Quando foi?

— Ne sala de visitas de papae, isto dias antes do casamento.

— Ah? E' verdade! Recorda-me agora que ficaste muito vermelha: e, até, quando tua mãe voltou lá de dentro, olhou-nos desconfiada.

— Se não fosse mamãe, nós não nos teríamos casado.

— E'. Teu pai não fazia bôa cara.

Calou-se um pouco e accrescentou:

— Não era máo homem teu pae, mas tinha birras, manias...

— Era o seu genio. Não viste como elle se oppôz ao casamento de minha irmã Julieta, entretanto hoje é tão feliz, vive na Europa...

Os dois calaram-se a ver o sol que morria num leito de ouro e purpura. O silencio invadia tudo e o socego da noite ia applacar os tormentos da natureza. Uma cigarra, como se quizesse protestar contra aquella hora de aniquilamento, chilriou, e outras e outras.

De repente, cessaram e o silencio voltou ás cousas e a paz ás almas.

Assim como quem sae de um sonho, o Commendador disse:

— Fomos bem felizes...

— Fomos, repetiu D. Adelaide.

— Quantos casaes terão sido como nós?

— Poucos. Mais da metade dos que se casam, são infelizes e vivem mal.

O Commendador calou-se e, após momentos, perguntou distraído:

— Nunca me enganaste, Adelaide?

D. Adelaide que se mergulhara na contemplação do crepusculo, tambem distrahida respondeu:

— Parece que não, Chico.

A mil.



Os pareceres do illustre Coelho Neto têm sido traduzidos para o portuguez, pelo official da Secretaria da Camara Mario de Alencar.



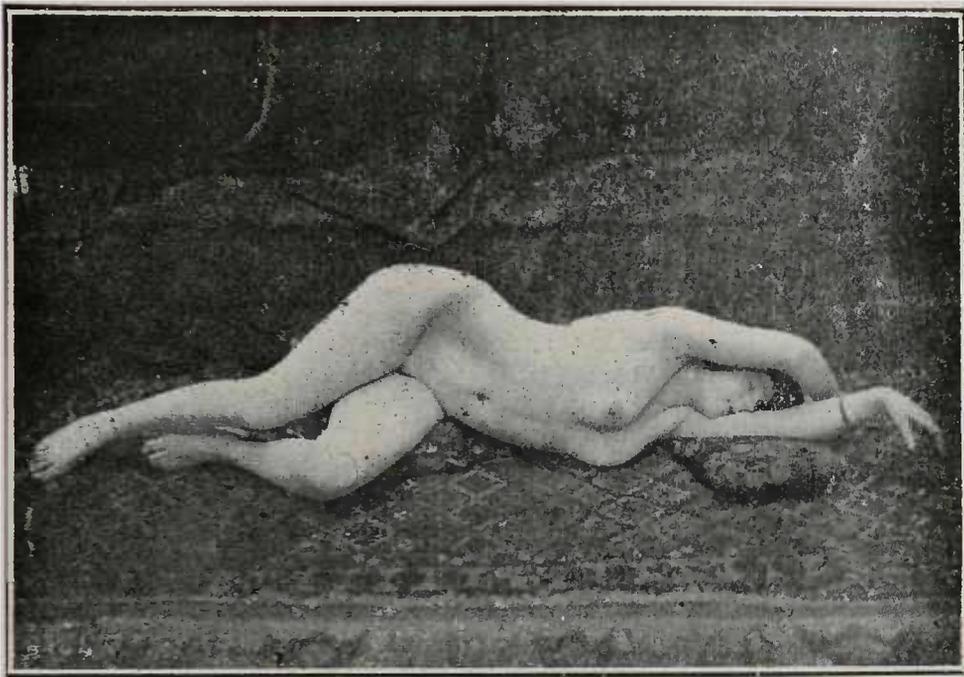
— O dr. Oswaldo Cruz é um grande literato?

E'. Nunca escreveu nada.

A' VENDA:

ALBUM DE CUSPIDOS
* SCENAS INTIMAS *

2ª Serie : Preço 1\$000 réis



Pontinhos de geographia politica

Nas dobras do Cabo Ancona,
Par'o Chafariz do Lagarto,
Descobre-se a Immensa Zona
Da Virgem Madre do Parto.

E, um pouco abaixo, á direita
De quem vier por de traz,
—A Villa de Cedofeita,
A terra-avó de Caifaz.

E' a cerca d'umas cem milhas
—Medidas por polegadas
De palmo e terço—as Antilhas,
De *tubarões* entulhadas...

E, mais p'ra baixo, um pouquinho,
A cerca d'umas cem legoas
Quadradas—vê-se o Alto Minho,
A *terra mater* das egoas.

Seguindo, após, rio acima.
Até ao fim d'um morrão,
Vae-se á cidade de Lima
—A capital de Limão.

Dobrando as Montanhas russas,
—Sem mesmo esforços mui grandes,
Qualquer *lambão*, cahe de fuças,
Na Cordilheira dos Andes.

E, si depois, vira o lombo
E vae parar no Equador,
Diz, ao erguer-se do tombo:
—Salvei o meu!... Sim, Senhor!...

(*Continúa*).

Escaravelho.



Album só para homens

1.^a SERIE

Já se acha á venda em nosso escriptorio este album de suggestivas e estimulantes gravuras tiradas do natural, e cuja primeira edição foi exgottada com a maior rapidez.

Preço \$600—:—Pelo correio 1\$000
Pedidos á A. REIS & C.^ª — Rosario, 99.

ALBUM SO' PARA HOMENS

(2.^a SERIE)

Primorosa collecção de gravuras esca-dantes, tiradas do natural e acompanhadas de um texto a proposito.

Este album é o que de melhor tem apparecido no genero...

Preço 1\$000 — Pelo correio 1\$400.
Pedidos á A. REIS & C.^ª — Rosario, 99.

Premières

O HOTEL DA BARAFUNDA
vaudeville-opereta em 3 actos de
Maurice Ordonneau, musica de Vi-
ctor Roger. Arreglo de A. de Faria.

Montando e fazendo representar essa verdadeira fabrica de gargalhadas que é o *Hotel da Barafunda*, deu a empresa do «Cinema Theatro Chantecler» mais uma prova do muito que se esforça por agradar os seus frequentadores, já acostumados, aliás a gozarem naquelle elegante theatrinho umas horas verdadeiramente agradaveis.

Transportar para aqui o impagavel enredo do *vaudeville* habilmentn arreglado por Adolpho de Faria, um perfeito conhecedor da materia, seria tirar-lhe o melhor. Recommendamol-o apenas aos que porventura ainda lá não toram, o que devem fazer sem perder tempo.

Digamos, pois, algo do desempenho, que foi perfeitamente homogeneo, cabendo entretanto a primazia ao actor João Ayres que, além de apresentar um caracteristico absolutamente perfeito, observou meticulosamente o papel de «Dremer», nada deixando a desejar.

João Bastos acompanhou-o bem de perto e conduziu com bastante graça o «Pisca-Pisca, que é o comico da peça, fazendo rir a perder. Martins Veiga, bem no «Paulo Blanchard.»

Da parte feminina é justo destacar Conchita Escuder, muito viva e petulante no papel de «Flora» que conduziu muito a contento, agradando bastante. Maria Amelia, muito sympathica, de veras insinuante, mas muito acanhada ainda, em scena, fez o que lhe estava ao alcance, no papel de «Cecilia.»

Mendonça, Maria Santos, Barboza, A. Dias, Pillar, Dina Ferreira, Soller e os demais deram boa conta do recado concorrendo cada qual, na medida de suas forças para o successo da representação, o que sem duvida conseguiram.

A musica do *vaudeville*, coordenada pelo applaudido maestro Costa Junior, é devéras linda. Montagem a rigor. Scenários inteiramente novos de A. Lazary, A *mise-en-scène* de Adolpho de Faria é, como não podia deixar de ser, um primor.

Emfim, *O Hotel da Barafunda* está por todos os motivos destinado a um successo absoluto, muito justificado, e é de crer que a empresa do «Chantecler» não o substitua tão cedo, graças ás enchentes consecutivas que o elegante theatrinho tem apanhado. — A. S.

Trunfos e Biscas

O Trunfo "da Urbe"

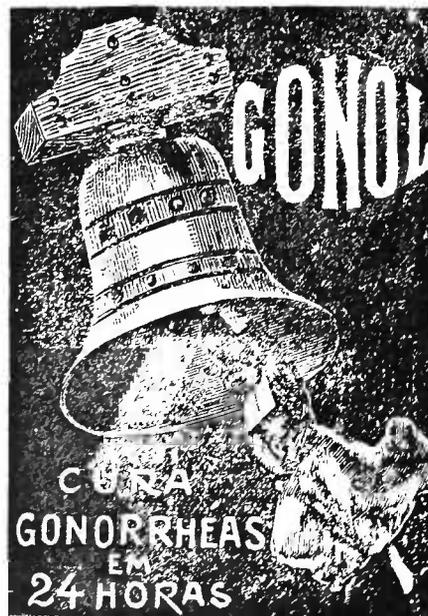
Mão grado um general scr... de verdade...
Jamais ferido foi, n'alguem combate!...
Porém, com muito e muito ardor se ba-
[te...
Em prol do Saneamento da Cidade.

Com certo Engenho e a *mais melhor*
[Vontade,
Procura, ás Velhas Leis, pôr bom rema-
[te...
E... seja dito a bem da Sã Verdade:
— Mui raro é commetter um disparate!...

A' margem pondo, as velhas *Leizes* Tor-
[tas,
O Fechamento conseguiu, das Portas,
Mais cedo; e o bom descanso domini-
[gueiro.

E—após tal feito ousado e de espavento:
Deitou-se... a repouzar... num somno
[bento.
A's margens de um pacifico... *ribeiro*...

Dois de Pãos.



Sociedade das Flores Brancas
outras melecias das senhoras.
Vidro grande ... 3\$000
Vidro pequeno ... 3\$000
—> VENDA-SE EM TODA PARTE <—



PAGINA DE ARTE





O amor

Eram muito amigos os dois collegiaes Zeferino e Alvaro.

Todo o dia eram vistos juntos, trocavam livros, comiam doces juntos, viviam, em resumo, na mais doce communhão.

Certo dia em que saiam das aulas, passaram numa rua em que uma respeitavel senhora lhes fez um signal equivooco e deu-lhes a senha: *entra, sympathico*.

Ambos nada conheciam de amor, nem mesmo aquelle que se faz a sós; mas conheciam que a funcção daquellas senhoras era fazer a iniciação no doce e terrivel mysterio.

Não puderam deixar de ruborizarem-se e, passados alguns minutos de augusto silencio, um atreveu-se a dizer:

—Que diabo! Essas mulheres sempre dizem isto quando passamos. Se experimentassemos...

O outro objectou:

Mas somos tão crianças, que talvez não nos acceptassem.

Alvaro que era mais pratico, acudiu:

—A questão é de dinheiro que não tem idade, tanto mais que ellas nos chamam.

Não ha duvida, disse Zeferino; mas onde havemos de arranjar dinheiro?



Alvaro, que tinha já uns bons dezeseis annos, esteve pensando um pouco e fez afinal:

Vendemos os livros.

— Isso não, disse promptamente Zeferino, desgostaria papai e seria

feito.

E' verdade! acudiu o outro, papai tambem ficaria zangado.

Os dous caminharam um pouco, calados e pensativos.

A vida da cidade se fazia interessante. No largo, um cavalheiro, para comprar um jornal, puxou uma nota de cinco mil réis. Os dous rapazes olharam-n'a cheios de inveja.

Continuaram o seu caminho e Alvaro então lembrou-se:

—Queres ver qual é a melhor maneira de obtermos a cousa?

Qual é?

Economisarmos o dinheiro que as nossas mães dão para a passagem e passearmos aos domingos.

Zeferino concordou nestes termos:

—Tiveste uma bella idéa. De amanhã, em diante, venho a pé e aos domingos só andarei a pé. Está feito?

Está.

Com uma tenacidade de escravos que juntassem o peculio para a sua alforria, os dous collegiaes, nickel a nickel, conseguiram perfazer a quantia necessaria.

Num dado dia, lá se sumiram por duas rotulas; e, lá dentro, aprenderam o amor cheios de susto e escrupulo.

Quando saíram e se encontraram, havia tanta vergonha nelles que nem se olharam.

Vieram juntos fugindo da rua que lhes causava pejo.

Passada a emoção da estréa, Alvaro pode perguntar ao seu querido collega:

—Que achaste?

—E' bom. E tu?

—E' bom, mas demora pouco.

Comtudo, acharam a cousa tão boa que continuaram na economia de bonds, dando maiores gastos de botinas aos paes. Oh! o Amor...

Hum.



Supremo Goso

Penso no doce instante de ventura
Em que te cingirei, anjo, nos braços,
E então, labios unidos, olhos baços,
Peitos num só, na languidez mais pura,

Vogaremos, perdidos lá na altura,
Ao som de aereos, tremulos compassos...
Livres, bem livres dos mundanos laços
Longe, bem longe da prisão escura!

Mas, pergunto a mim mesmo duvidoso,
Si depois de galgar, emfim liberto,
Um tão sublime céu de puro goso

Poderei, tal denodo em mim exista,
Voltar ainda ao pó deste deserto
Que ao longe estende-se a perder de vista.

Eugenio S.

Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Silveira ● ● ●
● ● ● ● Cura molestias da pelle.



Films...

O Jovi

Sim, senhor, quem havia de dizer que o Sr. Jovi teria a suprema ventura de ser escolhido para Deputado?!

O vigário Olympio de Campos foi quem metteu na sua cabeça a ideia de que a *profissão* de Deputado, era uma coisa do Céu.

O Joviniano, principiou a sua vida na Faculdade de Medicina da Bahia, e la esteve durante uns 12 annos sem nada conseguir, porque não dava para os profundos estudos da sciencia, até que o Director da mesma Faculdade, penalizado da infelicidade do seu discipulo, e levando em conta a sua antiguidade, fez delle medico por acto de resignação.

Medico, o Sr. Joviniano, ainda assim, não arranjou nada, não tinha clientella e como a «briza» lhe rondasse a casa, elle tratou de «cavar» uma outra coisa.

Foi para o Riachão, e lá vestiu a ves-

timenta de agricultor, para o que, aliás, tinha tanta predilecção.

Muito tempo viveu elle ali naquella Fazenda, vaquejando os seus bois e os seus bezerros, contente e feliz da sua sorte, quando o vigário Olympio de Campos, chefe politico do Estado de Sergipe, lembrou o nome d'elle para uma vaga de Deputado na representação sergipana.

Eleito o seu Carvalho, nada tem feito na Camara, senão dormir. Ora, fazem já 16 annos que o Sr. Joviniano é Deputado e ainda até hoje não deu um passo pelo Estado, cujo povo representa.

O seu costume na Camara é este: —Entra, procura a cadeira que lhe compete e cai numa sonneira dos diabos.

Isto, todos os dias.

E' muito engraçado ouvir a sua resposta diaria.

O continuo, quando o expediente acaba, vai a elle e lhe diz: «*Seu Doutô*, já cabô, tão todos sahindo» — ao que o seu Joviniano responde: «Ja cabô? Bem; então intémenhã.

Gaumont

Inauguração da PAPELARIA LIMA

RUA 1.º DE MARÇO, 139

Conforme noticiámos em nosso numero passado, inaugurou-se a 13 do corrente a PAPELARIA LIMA, de propriedade dos Srs. José Lima & C^a á rua 1º de Março, n. 139.

A typographia, montada de accôrdo com todas as exigencias da arte typographica, acha-se apta a incumbir-se de todos os trabalhos do genero sem receiar a concorrência das congeneres estrangeiras.

Os Srs. José Lima & C^a não pouparam esforços para que seu estabelecimento, que é sem duvida um dos primei-

ros desta Capital, fosse dotado dos melhores machinismos, tendo adquirido para isso machinas de varios fabricantes e das mais aperfeiçoadas, contando-se entre ellas uma rotativa de Albert & C, uma americana de C. B. Cottrell, duas «Phenix», sendo que uma numero 3 e outra numero 4, uma «Victoria» numero 3, duas «Minerva», numero 2, uma «Marinoni», duas «Liberty», além de outras cujos autores nos escaparam.

A direcção geral da casa está confiada ao Sr. José Lima, estimado cavalheiro e muito conceituado das rodas commer-



ciaes, auxiliado pelos Srs. João Cadaval e Rebello Braga.

Quanto á parte que diz respeito a typos, possúe a PAPELARIA LIMA, material completamente novo e muito variado, sendo de notar o bom gosto que presidiu a escolha de typos de fantasia, vinhetas e tudo mais concernente ao artigo. A officina de composição, sob a gerencia do Sr. Antonio Balthazar, habil profissional, acha-se installada com todo o conforto, onde trabalha grande numero de artistas de reconhecida competencia, o que muito recommenda a já acreditada firma.

Além da parte referente á typographia, possúe ainda a PAPELARIA LIMA uma bem montada secção de enca-

dernação installada no pavimento superior do predio.

Todas as machinas são movidas á electricidade, sendo que cada uma possúe separadamente um motor.

A firma José Lima & C^{ia} encarrega-se tambem de varias representações, entre ellas a da Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegreense, com seus afamados productos: palas, cobertores, casemiras, pannos militares, chales de casemira, flannels, etc. ; W. Fildenheimer & C^{ia}. Londres, louças, vidros, crystaes, porcellanas, estatuas, etc. ; Companhia F. T. do Rio Anil, do Maranhão Morins, etc.

A seguir damos varias photographias tiradas por occasião da inauguração.

A inauguração da Papelaria Lima



Photographia tirada por occasião do lunch oferecido pelos Srs. José Lima & C., ás pessoas presentes por occasião da inauguração da Typographia.

Vêm-se da direita para a esquerda, os seguintes Srs: (junto á meza) Cap. Aurelio Diniz Gonçalves, Luiz Brum, A. Reis, Joaquim Pereira, João Cadaval Filho, J. Brito, Ary Kerner, Martins Teixeira Junior, Ulysses Senna, Dr. Licínio Senna, Ernesto Errichelli, José Koenow, Mourão e outros muitos senhores, cujos nomes nos escaparam.

A inauguração da Papelaria Lima



A' cabeceira da meza o Sr. Annibal Ferreira muito digno gerente da casa Leal Santos & C.; ao seu lado direito o que se acha de branco, o Sr. José Pinheiro de Souza Lima, socio e chefe da firma José Lima & C.; em seguida o Sr. João Cadaval Filho, interessado da PAPELARIA LIMA, depois o Sr. João Tavares, empregado do Sr. Leal, Santos & C.; e finalmente o Sr. Manoel Marcella, empregado de José Lima & C., á esquerda do Sr. Annibal os Srs. Mourão, João Cernadas encarregado das vendas da PAPELARIA LIMA. Ao centro da porta o Sr. Manoel de Andrade Ribeiro, á sua esquerda o Sr. Antonio Mourão, empregado da PAPELARIA LIMA, á sua direita os Srs. Augusto Pinheiro de Souza e Ernesto Pinheiro de Souza. Pae e irmão do Sr. Lima, José Kenow, empregado da PAPELARIA LIMA, Ernesto Errichelli, empregado dos Srs. Cardinale & C. e Ulyses Senna, empregado de José Lima & C.

FILMS... COLORIDOS

O mais sensacional *film* da semana foi exhibido no S. José, pelo homem dos *choques*... ao pilhar em flagrante o actor A*** com a *actriz* B*** em doce colloquio no camarim, ao findar o espectáculo, sabado ultimo.

Pathé ou Gaumont não o fabricariam melhor nem mais ao vivo !...

—Consta-nos que o Tavares vae deixar a *girencia* do Rio Branco para assumir a da *Villa Luiza*. . . cujos aposentos são modestamente illumminados a candeias de *azette*...

Isto é que é *film*, e o mais são historias !

—A Rosa Bocca de Sopa, do S. José

exhibe actualmente um *film* a que se pôde intitular: — “A caçadora de *esmeraldas*”...

Esse *film* é de uma *grandura* incalculavel !...

—Por não querer exhibir as pernas nos “Mosquitos por Corda”, a Carmén, do Cinema Eden, exhibiu um *film* arrelento e despediu-se.

Mas, a “fita” *queimeu* e ficou tudo na mesma.

—Garantiu-nos o Barbozinha, do Chantecler, que o Antonio Le Bargy não faz outra coisa sinão exhibir a todo o momento, no camarim, o *film* intitulado: — “Ai ! minha Angellna” !...

Podia dar-lhe para dar com a cabeça pelas paredes, que era muito peor !



—O ultimo *film* exhibido no Rio Branco pela Marianna Sapéca intitula-se: — “Levei o latão”...

Muito apreciada deve ter sido essa “fita” pelos frequentadores daquelle cinema.

—Não se sabe a razão porque a Luiza Caldas interrompeu a exhibição do seu *film* intitulado: — “Vou aprender a ler”...

Ficou pelo *b a ba* e... mais não disse.

—Diz o Thobias, do S. José, que o Armando passou a chamar-se Estomago de Avestruz pelo facto de ter sido elle o unico capaz de *tragar* a Ida Nariz Posição...

Eis ahi um *film* extra e de grande successo !...

Não deixa de ter a sua graça o *film* desenrolado pela Candinha, do Chantecler, dando um valente desespero por ver a sua amiga Leonor Casadinha brincar com o Pinto Filho.

Esse *film* devia intitular-se: — “Uma dor de... *cornucopia*”.

—Apesar da sua *modestia*... o Carlota ainda não conseguiu cavar um quarto na alta Villa... Ruy Barboza.

Que *film* exhibirá elle para conseguir isso ?...

Operador.

Vogalisando . . .

De ha muito, eu ando extremamente [zarro...]

E, em tal pensar, cada vez mais, me aferro, Por, isto assim dizer-te :— Eu sou de

[barro...]

De barro vil sómente, e não de ferro !...

Mas, sempre eu quedo ancioso e mudo !... [Esbarro,

Aqui, alli... tremente... E, só não éro Quando, ao larynge, invade-me o... *pi-*

[garro,

Que não me deixa, até, soltar um berro !...

Ai !... Quando eu subo, anciosamente, ao [morro ;

Galgando a ladeirinha—a do Soccorro, Sempre, á mim mesmo, e com prazer me [empurro.

E—porque, em subir morros, sempre em- [birro :

Quem sabe si, em chegando ao cume es- [pirro...

E, então dirás aos teus botões : Que [burro !...

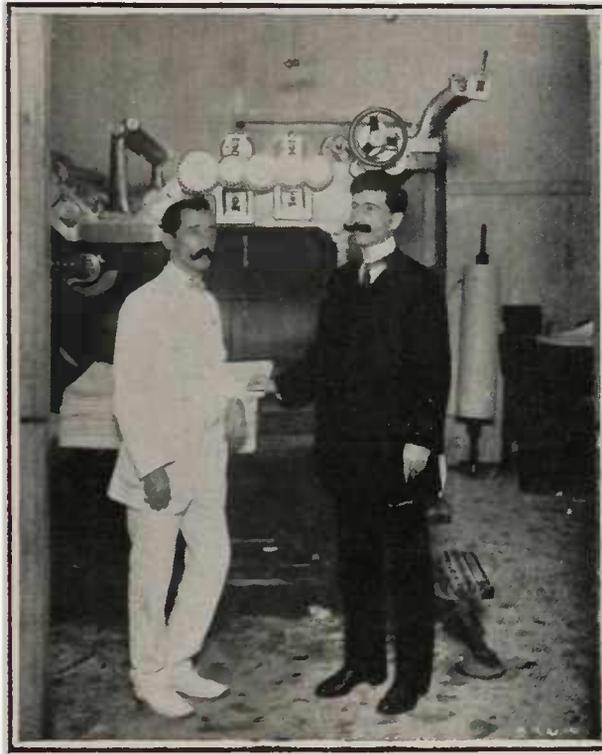
A. B. C.

Elixir de Nogueira

do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Unico que cura a syphilis e suas
terríveis consequencias



A inauguração da Papelaria Lima



Srs. Rebello Braga e Antonio Balthazar á direcção dos quaes estão entregues as officinas da «Papelaria Lima». Sendo ambos competentes no desempenho dos cargos de que estão investidos, não é de admirar que os trabalhos da Papelaria Lima sejam executados com a perfeição de que já tivemos ensejo de apreciar.

Ao fundo ve-se a esplendida machina rotativa de que é doptada esta bem montada officina.

A Familia Beltrão

Bellissimos episodios passados no seio de uma familia, que reparte sua felicidade com os rapazes que frequentam a casa.

Soberbas gravuras adequadas ás scenas.

Preço 1\$500 — Pelo correio 2\$000

Pedidos á A. Reis & C. Rosario—99



Sabemos que o “Sogra” não tem se mettido em materia de reconhecimento de poderes.

E’ tenção do Mario offerecer á deliberação da Camara um projecto de lei estabelecendo penalidades para os sujeitos de talento.



Eduardo das Neves está modificando a sua canção “Santos Dumont”, para applical-a ao valoroso Chaves.



O aviador Chaves queixa-se da falat de bons mappas. Só mappas, meu caro Chaves? Ha falta tambem de outras cousas.



A inauguração da Papelaria Lima



Photographia do frontespicio da Typographia Lima, tirada no dia da inauguração. Veem-se no grupo diversas pessoas, entre as quaes convidados, representantes da Imprensa e operarios.

Baladilhas Ambulantes

De um "jornaleiro"

Ai ! Deus do Céu !... Quão ditoso ;
Quanto eu seria feliz,
Se fosse o teu caro esposo !...
—Jornal... Paiz !...

Ai ! Não me voltes o rosto !
Não faças tanta «careta»...
Pr'a mim ! Meu Deus ! Que desgosto...
—Paiz... Gazeta !...

Sem me gabar de *fêlmoso*
Eu ser, não sou nada feio...
E sou tão bom, tão bondoso...
—Jornal... Correio !

Por ti, eu tenho um *rabicho*
Assim, Paixão mesmo immensa...
Oh ! Não me mandes p'r'o lixo...
—Sé...culo... Imprensa !

Não cuides ser estrangeiro ;
Ser emigrante es...trotário.
Sou, mesmo : cá... brasileiro !...
—A Noite... Diário !...

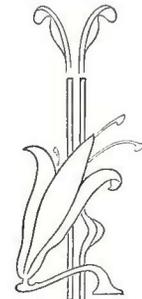
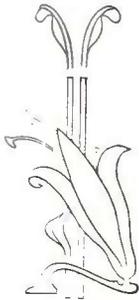
Si te casares commigo,
Serás feliz, ó Felícia !...
Não te faltando o *mastigo*...
—Fon-Fon !... Notícia !...

Serias tão felizarda,
Sempre ; ajudando, ao Baptista,
A carregar, firme, a albarda...
—Gato e Revista !...

Jamais... Ai ! Não terás mingoa
Do que te fôr mais preciso...
Sem dares, tu, sempre á lingua...
—O Riso !... O Riso !...

Fêia Cinema cópia :

Escaravelho.



PALESTRA

— Faz admirar muito a boa união dos tres irmãos Andrade! Trabalham immenso para se ajudarem mutuamente.

— Sim? Nunca dei por isso. O que fazem elles?

— Um é jornalista, e escreve, principalmente a louvar as vantagens do automobilismo; o segundo é agente de fabricas estrangeiras, e vende automoveis; o terceiro, finalmente, é cirurgião, especialista em ferimentos e fracturas... que os automoveis fazem!

— A mulher, — observou o commensal epigrammatico — é um enigma sem resposta.»

«Hum! — rosnou o conviva sceptico — Ahí está o que nunca ninguem viu: uma mulher sem resposta!»

Na Escola de Policia:

— Com quantos páos se faz uma canoa?

— Com um commissario, dez agentes, vinte guarda civil, trinta praças de policia.



COMICHÕES

E' este o titulo de um *saboroso* livro da nossa estante, e em que se contam cousas do *arco da velha*... E' todo illustrado com soberbas gravuras nitidamente impressas.

Custa apenas \$800, e pelo correio 1\$200

Pedidos á A. REIS & C.—Rosario, 99



Não ha novidade...

Dês que viera da "terra", de onde fugira ainda menino, para escapar mais tarde aos rigores do sorteio militar, o Manoel tinha uma só coisa em mente: tornar-se rico, muito rico, até *cummendador* ou *varão* si possível fosse, para cujo fim havia de empregar todos os meios, honestos, já se vê, para conquistar a fortuna ambicionada.

Mal chegou ao Brazil, em companhia de outros patricios que sem duvida para cá vinham com os mesmos ideaes, foi o Manoel empregar-se numa taverna de propriedade de um seu parente muito longe, a quem viera recommendado.

Ahí passou elle os primeiros annos da sua mocidade, aprendendo a negociar, *embrulhando* a freguezia nos pesos e nas medidas pela melhor maneira, ao passo que fazia o seu "pé de meia", onde accumulava, de mez a mez, os magros vinte mil réis que tinha de ordenado.

Um bello dia, já então contava o Manoel os seus 20 annos, por uma questão qualquer com o patrão, resolveu elle deixar a casa onde começara a vida de caixeiro, para procurar outra onde o seu ordenado fosse maior e mais facilmente pudessee chegar ao fim desejado. Tinha algum dinheiro junto, podia fazer face ás despesas enquanto estivesse desempregado. E sahiu.

No dia seguinte tratou de procurar nova collocação e foi ter com o fornecedor do seu antigo patrão e pediu-lhe emprego, allegando que sahira da outra casa devido ao muito que trabalhava e o pouco que ganhava.

O fornecedor, que já conhecia o Manoel havia bastante tempo, da casa de seu freguez, não poz duvida em acceitar o Manoel como seu empregado, mesmo porque achava nelle a salvação para uma *entaladela* em que estava... e da qual precisava sahir quanto antes, necessitando para isso do auxilio d'alguem que tivesse bom estomago... e não tivesse uns certos escrúpulos para recusar a proposta que lhe fosse feita.

Tratava-se do seguinte: o fornecedor, tipo apatacado e "muito conceituado negociante desta praça", possuía uma filha,

uma bella rapariga, apetitosa a valer, a qual, deixando-se enamorar de um pandego papador de... *dotes*, deixou tambem que o camarada lhe comesse a *isca* e *cuspiisse* no anzol, dando em seguida o fóra, desapparecendo por completo.

Era preciso sanar aquelle mal da melhor maneira e, a melhor maneira era justamente casal-a com algum palerma, fechando-lhe os olhos com a promessa de um dote taludo e capaz de concertar o *estrago* feito pelo outro. Pareceu ao fornecedor que o Manoel estava nas condições de servir de "tapa-buracos"... e, ao receber delle o pedido de emprego, disse-lhe:

—Dou-te o emprego com uma condição. Você está disposto a acceital-a?

—Digo-lhe desde já que acceito. Não ha novidade.

—Mas olhe que se trata de um caso sério.

—Não ha novidade, acceito.

Eu tenho uma filha, muito bonita, muito prendada, mas que...

—Não ha novidade.

Enganou-se, meu amigo; ha novidade e grande... Essa filha teve um namoro com um patife que me poz areia nos olhos e, uma noite, no jardim lá de casa, sem que ninguem visse...

—Já sei, poz tudo a perder; não ha novidade.

—Depois, o patife poz-se a pannos e a pequena ahí está precisando que alguem... Não sei si me comprehende?...

—Comprehendo perfeitamente; precisa de alguem que esteja pelos autos de tapar o rombo dado pelo outro, não é verdade? Pois meu amigo, é grande o sacrificio por um simples emprego. Não acceito.

—Mas olhe que se o Sr. casar com ella, não só lhe dou o emprego como tambem o faço interessado da casa, além de cincoenta contos de dote que dou á pequena.

Ouvindo isto, o Manoel arregalou os olhos, e lembrando-se que era aquelle um meio tambem honesto para fazer fortuna, exclamou:

Ah! si é assim, já aqui não está quem falou. Nesse caso eu estou prompto a tapar o rombo, não ha novidade.

Dr. Sinete.

INJECCÃO

“S”

E' o Especifico por excellência para a cura radical da GONORRHEA.

Depositarios de la Balze & C., Rua S. Pedro, 80

RIO DE JANEIRO



Uma entrevista

Tendo voltado á ordem do dia a nossa antiga conhecida D. Deolinda, estimada professora de caboclos e moças, fomos procural-a, para adiantar aos nossos leitores quaes os seus projectos de futuros trabalhos.

Recebeu-nos a curiosa docente em uma sala da sua escola, ornada ao gosto dos tabajáras, com cocares de pennas, arcos, flexas, etc. Conversava com o famoso Tupiny. Pelo que podemos ouvir tratava-se de cousas de *toilette*. Tupiny defendia a tanga, mas a pedagoga a achava indecente. Logo que nos viu, D. Deolinda levantou-se e veio ao nosso encontro.

— Somos do «O Riso» e desejamos saber alguma cousa do que tenciona...

— «O Riso»! Já me lembro! Os senhores me tem troçado muito, mas não me agasto, porque não me offendem.

— Somos reconhecidos á senhora, tanto mais que isso é nosso proposito.

— Que desejam?

— Saber o que tenciona fazer para o futuro.

— Sente-se, disse-nos ella amavel.



Sentamo-nos e ella, sem se fazer d rogada, foi logo expondo.

— Não tenho mais caboclos bravios, pois o Coronel Rondon diz que acabou com elles. Estou, por esse lado, sem material para o trabalho. Tenho que o procurar por outro lado.

— Vai emigrar? Vai procurar em outras plagas selvagens?

— Absolutamente não. O meu proposito é muito outro: vou reformar o vestuario.

— Como?

— E' simples. Até agora não andamos todos vestidos?

— Andamos.

— De agora em diante, vou propôr que andemos nós.

— Mas isso não é reformar, é extinguir.

— Seja.

— Que vantagens encontra?

— Muitas. E' fresco e economico, porquanto não se pagam alfaiates, nem modistas.

— Essa gente, porém, vae ficar sem ter que fazer, além delles, os operarios das fabricas de tecidos.

— Ha compensação, porque vou tornar mais barata a alimentação.

— De que modo?

— Voltaremos a comer caça e pesca, que não custa cousa alguma. Toda a gente pescará e caçará.

— Mas, voltamos á selvageria.

— Olé! E' isto mesmo que eu quero.

— De forma que o trabalho do Coronel Rondon foi inutil.

— Não foi tal, meu caro senhor. Eu me explico.

— Estamos ouvindo.

— A desvantagem que havia, era a existencia de civilizados e incultos, mas desde que todos sejam selvagens não ha desvantagem alguma.

— Mas, minha cara senhora, se é assim, não ha desvantagem que todos sejam tambem civilizados. Não acha?

— Mas, caro senhor: a vida selvagem tem liberdades deliciosas.

E olhou longamente a nesga do céu que se via pela janella.

Dentos por finda a entrevista e saímos.



Historia complicada

Vivia na roça, lá nos fundos de uma Fazenda, no interior do Estado de Minas, o Zé Grande, caboclo de raça e de genio.

Tinha ali toda a sua felicidade, porque além da fartura de milho, feijão, arroz, toucinho e etc., que lhe cercava, enchendo a sua casa de abundancia, possuía elle uma mulher que era todo o seu enlevo. Era uma esposa digna do seu esposo. Carinhosa, dedicada e amorosa,

Corria, pois, tudo, muito bem, na casa do Zé Grande, quando um dia appareceu por lá um seu antigo conhecimento, um amigo da cidade, com quem elle fizera relações no seu tempo de solteiro, época em que andara fazendo negocios por Bello Horizonte.

O visitante era amigo do caboclo, não ha duvida, e tanto, que sympathisou logo com a mulher do Zé, a ponto de prendel-a aos seus encantos de moço de cidade.

O caboclo de nada desconfiara, tinha tanta confiança no seu amigo que ia para a roça plantar as suas batatas ou outra coisa qualquer e deixava a sós, em casa, o esposo com o seu espertalhão amigo que estava cavando para ser amante da sua esposa. E de certo, tanto cavou que combinou com a *fiel* esposa um meio de afastar o caboclo dali, afim de, com mais liberdade, gozarem as primicias dos seus amores.

Um dia, pela manhã, o amigo chamou de parte o caboclo e disse:

—Olhe, como eu não posso ir á cidade por motivos politicos, vosmecê vai levar esta carta lá, ao meu compadre coronel. Presta-me este serviço, sim? E' favor.

—Apois, não, homi. Vou cum gosto. Aonde mora o tá Coroné, seu compadre?

—Elle nunca está em casa, o melhor é você procural-o na estação onde o trem para. Elle está sempre nesse local a espera de carta minha, ou mesmo a minha espera. E' um sujeito muito conhecido por ter uma grande barba. Você saltando do trem, ha de encontral-o logo, ou nesse ponto que eu já citei, ou pelas immedições. Vá.

O caboclo preparou tudo e se foi para a cidade, levar a carta ao Coronel que o seu amigo mandava.

Ao chegar á estação, e quando desembarcou, o Zé Grande, avistou entre as pessoas que se achavam ali, uns que passavam, outros que chegavam para embarcar e outros que desembarcavam, um

velho que, pela descripção de seu amigo e hospede, era o tal coronel.

—E' elle, disse o caboclo; e foi direito ao velho barbado e parecido, na verdade, com o que elle ia procurar.

—Boas tardes, seu Coroné, tá qui uma carta pra vosmecê.

Quem mandou?

—Foi o seu cumpade quistá la im casa hospedado.

—Deixe vêr...

Quando o caboclo deu a carta e que o individuo olhou o subscripto, fez cara de riso, e depois abrindo-a, leu:

—Peço a quem abrir esta carta que demore este caboclo ahi por uns 15 dias, pois, necessito dar umas lições de amor a mulher d'elle. A presença do caboclo aqui constringia muito ao professor e á discipula. Retenha elle ahi, e o dinheiro incluzo é para o meu desconhecido protector beber uma taça de champagne á minha saúde.

O compadre da roça.

Sim, dentro da carta vinha uma nota novinha de cem mil réis.

Depois de ler a carta e guardar o dinheiro, sem que o Zé Grande visse, porque estava distrahido, o improvisado coronel disse a elle:

—Bem. Vamos para a casa. Eu tenho que responder ao compadre.

—Sim, Senhô.

E foram, e os dias correram e o coronel sem responder.

Faziam já 16 dias. O caboclo saudoso, então, disse ao coronel:

—Quá, seu coroné, não posso mais, quer vosmecê arrezponda, quer não, eu vou pra casa.

—Está bom. Ainda falta um assumpto para incluir na carta. Mas como você está com pressa eu vou escrever ao compadre.

E pegando a penna escreveu esta quadra que mandou pelo caboclo ao tal compadre:

Meu compadre lá da roça,
Brazileiro ou Portuguez,
Se tem mais notas daquellas,
Mande o caboclo outra vez.

Rio, — 18 - 5 - 912.

Esculhambofe.

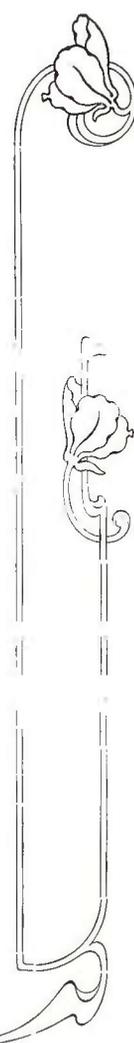
VARIAÇÕES D'AMOR

Interessantissimo conjuncto de aventuras passadas em familia.

Ornam esse estimulante livrinho, caprichosas gravuras tiradas do natural.

Preço \$800 — Pelo correio 1\$200

Pedidosá A. REIS & C. <> Rosario, 99



Sonetizando...

— De ti, eu gosto a mais não ser...! Com-
[tudo,
Perfeitamente eu vejo e reconheço:
Que os teus carinhos, Dulce, não mereço,
Por ser, além de pobre assás *pelludo*...

Ao ver-te, eu quedo sempre ansioso e
[mudo.
Fallando-te eu detenho-me ao começo
Da historia... pois, bem vejo e reconheço
Que aos teus botões murmuras: — Que
pelludo!

Porque não dizes, de uma vez por todas:
— «Melhor é transferirmos nossas... *bodas*...
Por qualquer prazo illimitado, infindo?...»

E, ao passar, eu, por ti; quando tu passas
Por mim, só fazes gestos e negaças...
Sempre eu sorrindo, sempre!... E, tu, só
[rindo?...]

Escaravelho



Proverbio:
De vagar se vai ao longe... na Es-
trada de Ferro Central.

Elixir de Nogueira do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Grande depurativo do sangue.



BASTIDORES



Pelo que dizem as más linguas, o Leonardo principalmente, muita agua pela barba tem dado á Maria Amor Sem Olhos a *historia* do cordão d'ouro com 120 grammas, que lhe foi *emprestado*, e que apparece agora com 72 grammas, apenas...

E digam depois que ella não sabe fazer contas de subtrahir...

—Soubemos pela Sarah, do Apollo, que a sua collega Guilhermina Japoneza recebeu ha dias, via *Lisboa*... um chapéo com duas plumas.

E o que temos nós com isso ?

—Muita graça teve a Candida Leal quando disse que desistia do beneficio por não saber a quem passar os bihetes, «pois até hoje só *conhece* uns oito homens.»

Querem ver que a *menina* acha pouco ter conhecido oito homens desde que aqui está ?!...

—Mão quarto d'hora passou o viuvinho capitão *Beliche* na *visita* que fez á Aurelia Mendes, ao ver surgir debaixo da cama o *chauffeur* da gaja, que o obrigou, de navalha em punho, a pôr-se a pannos, quando já estava quasi em trajés de Adão!...

Fel-o perder todo o *enthusiasmo*...

—Já teria a Sarah conseguido bater o prato de *fressuras* com a Carlota, conforme disse a bordo, na viagem para cá ?...

Afinal, o contracto terminou a 21 e o Carlos Leal não se foi embora, como andava a dizer que ia, «por já estar farto de aturar aquellas *brutas*»...

Ha pelo «Pavilhão» quem diga que seria um allivio si o Leal se fosse...

—Porque será que a Candida Leal diz que perde toda a *acção* quando está a *conversar* com qualquer homem e se lembra do Costa ?...

—O José Alves anda a pedir beijinhos ás *meninas* nos camarins, faz arreliar a Assumpção e depois inda lhe pespega uns estallos, o *vadio*...

Tola foi ella em pedir por elle, ao vel-o ir preso por isso.

—Saberão os senhores dizer-nos o que esteve o Raul Soares a fazer duraute duas horas debaixo da cama, um dia destes, no aposento do Salles Ribeiro ?

Gostavamos de saber isso...

—Para a sua festa artistica, a reali-

zar-se na proxima segunda-feira, 27 do corrente, no «Pavilhão Internacional», teve a apreciada actriz Virginia Aço, a gentileza de nos vir pessoalmente convidar, offerecendo-nos um *fauteuil*.

Agradecendo a fineza, *O Riso* augura á festejada artista uma casa á cunha, e uma festa digna do seu incontestavel merito.

Informam-nos que a Guilhermina Japoneza uma destas noites teve quasi a pavana tocada pelo seu rapaz de *Lisboa*...

Será verdade ?

—Dizem que a Sophia 606 está radiante com a partida do «Toureiro» para a Europa.

Pudera não estar ! diz ella que isso de viver só da quinzena não é vida...

—Segundo consta, a Sarah está a ver si o Joaquim Gallinheiro lhe dá o celebre vestido ou os 100\$ da ordenança, para depois *conversar* com elle...

E' mais um *pato* a ser depennado !

—A Candida Leal, no beneficio do maestro, antes de impingir ao publico a tal *romanza*, andava a impingil-a ás collegas, como si aquillo fosse uma grande coisa.

Bem fez a Assumpção, que a mandou chatear outra !

—Está furiosa a Cordalia com a partida que lhe pregou o Silva Gordo, pondo-se a pannos depois de haver conseguido *entrar*... no Nacional...

Realmente, tudo isso por dois passeios d'automovel, é pouco !...

—Então *seu* Carlos Leal, a Sylvina é tudo aquillo quanto você disse... mas sempre lhe serviu para ser companheira d'automovel, uma destas noites, ao sahir do Pavilhão, hein ?

Você sempre é de uma força !...

—Informam-nos que o Coimbra do Apollo, aliás, o Mangeira-Mór, vae entrar em uso do *Mucusan*, para pôr fóra uma *pingadeira* dos diabos, que apanhou ahi não sabe onde...

Trate-se, *seu* Coimbra, trate-se...

A Celeste não tendo mais que fazer lembrou-se de servir de intermediaria da paz entre a Assumpção e o José Alves.

Esse «papel» ficava bem á Aurelia, isso sim...

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



As Aventuras do Rei Pausolo

ROMANCE JOVIAL

Livro quarto — Na terra da nudez feminina

CAPITULO IX

Gilles torna-se apaixonado

Mirabella tinha sahido n'aquelle instante quando Gilles chegou ao hotel do «Seio Branco e de Westphalia.»

Bateu discretamente á porta de um quarto e de dentro uma voz perguntou :

—Quem está ?

—Eu.

—Vós ?... o pagem do papá ? disse Alina em voz baixa, pelo buraco da fechadura.

—Posso entrar ?

Estou prohibida de abrir a porta... Uma vez, porém, que sois vós, não ha risco.

Abriu-lhe a porta, e, levantando-se sobre as pontas dos pés, deu o rosto ao pagem para que o beijasse.

—Beijai-me, disse ella, vos permitto... Deixai-me beijar-vos tambem...

Alina suspirou.

—Tenho muita coisa a vos dizer... Sentemo-nos ali, sobre o canapé... Como vos chamais ?

—Djílio.

—Oh ! que bello nome ! disse a Princeza.

O pagem fez algumas considerações consigo mesmo.

—Que felicidade! exclamou ella. Pensava em vós.. Deixai-me olhar-vos... Quasi briguei com minha amiga por causa de vossos olhos... Achei-os lindos. Mirabella disse que não. Discutimos.

—São como todos os outros, disse Gilles ; naturalmente tornam-se brilhantes ao contemplar o perfil de V Alteza.

—Não me chameis Alteza. Chamai-me Lina, por exemplo.

Elle, porém, não a tratou de outra maneira; não encontrava outro tratamento que lhe fosse tão digno.

O primeiro dia em que elle a viu, n'um quarto do hotel do Gallo onde se desenrolaram algumas scenas rapidas, as circumstancias não lhe foram favoraveis ; Mirabella, cheia de ciume, não se deixava esquecer. Alina, inquieta, mostrava um semblante alterado.

Ahi, ao contrario, sentia-se mais á vontade.

Diana parecia-lhe muito sensual; Philis muito fria. Uma devorava e outra aborrecia, mas nenhuma das duas tinha no olhar esta chamma continua que alimenta o amor.

Alina estava completamente entregue aos seus desejos e sua pequenina bocca sempre prompta para os beijos.

Gilles nada dizia. Uma grande commoção o havia dominado.

—Que tendes ? perguntou a Princeza.

—Amo-vos.

—Tambem vos amo, Gilles; amo-vos com sinceridade. Não imaginais como me sinto feliz por confessar meu amor.

—Ha muito tempo que vos amo. Ignoraveis, não é ?

—Ha muito tempo ? repetiu Alina. Amais-me ha muito tempo ? Mas não tinha percebido...

—Ha tres annos que vos amo, disse o pagem suspirando.

—E nunca m'ò dissestes.

—Faltava-me coragem...

Alina olhava-o com ternura.

Gilles proseguiu :

—Não me acreditais ?

—Oh ! acredito !

—Fiz uns versos e vol-os offereci.

—Versos ? Sois poeta ? Como eu gosto de versos ! Referiam-se a mim ?

—Quereis lel-os ?

—Si quero lel-os ?... certamente !

—Eil-os.

Gilles tirou do bolso seu primeiro volume de versos, folheou... Agnès... Alberta... Alexandrina. Alfreda. Alice... Alina!...

—Lêde† disse elle.

Alina tomou do pequeno volume e leu avidamente. Ao terminar a leitura levantou os olhos.

—Quem vos disse que estes versos são para mim ?

—E' um acrostico... Sabeis o que é um acrostico ?... Vide as primeiras letras de cada verso.



—A, L. I... Alina! exclamou ella com um sorriso de satisfação.

E' exacto! Nunca li coisa tão bonita... Não sabia que tinheis tanto talento!...

Sois vós a única pessoa que me inspira... Comprehendestes-me bem? Não me atrevi escrever vosso nome em um livro onde todo o mundo poderia ler... Guardei-o secretamente em um acrostico, para vós e para mim. Ninguém o sabe, senão nós dois.

Alina atirou-se-lhe nos braços. Elle apertou-a com fervor e encostou seus lábios aos lábios d'ella.

Como! também sabeis isso? disse a Princeza. Mirabella asseverou-me que esse modo de beijar era sua invenção...

—Aprendi, acrescentou o pagem.

—Como?

—Instinctivamente, desde o primeiro dia em que vos vi.

—Então teria ella me enganado?

—Naturalmente vos enganou, mas de um modo muito distincto.

—Não importa... mas o facto é, que mentiu... Não a perdorei. E' ridicula a mentira, não achais?

—Não ha nada mais feio, disse Gilles.

Alina meditou alguns instantes, e disse:

—Amo-vos mais do que á minha amiga.

O pagem perdeu a compostura, e segurando a Princeza pelos braços, atirou-a sobre a cama e nervosamente sugou-lhe os lábios.

—Assim!... assim... oh!... como eu vos amo: como sou feliz.

Uma hora depois a branca Alina confessava ao pagem, todo o seu amor.

Amo-vos... de hoje em diante meu coração vos pertencerá.

Gilles, depois de arrancar da Princeza a confissão de seu amor, preparou-se para ir embora.

—Não, ainda é cedo. Eu vos peço... ficai ainda alguns instantes.

—Não é possível...

—Porque?

—O Rei espera-me... Mirabella não tarda.

—Não quero mais vel-a, disse a Princeza. Ficai... quero beijar-vos dos pés á cabeça, e permanecer sempre a vosso lado, unir minha bocca á vossa... Não quero que vos retireis... Obedecei-me, emfim!

—Tudo ficará perdido si continuarmos aqui. Mirabella voltará dentro de uma hora. Ella mesma será presa pouco depois e nós nunca mais tornaremos a nos ver, porque o Rei vos apresionará nos aposentos do palacio.

—Então, levai-me, partamos... Não haverá outro paiz onde possamos viver tranquillamente?

Gilles condeu-se do Rei:

—Amais vosso pai, minha querida Alina. Amais bastanto. Si fordes para um lugar em que elle não esteja, certamente regressareis dentro de pouco tempo.

—Sim, amo papá, não nego; mas porque razão enclatura-me? Si eu voltar ao palacio não mais poderei vos ver e novamente começarei a soffrer.

—Ha um meio capaz de evitar tudo isso. Recordai-vos da casa em que vos falei hontem? a casa d'aquelles bons velhos que recolhem as crianças infelizes e lhe dão todo o conforto?

—Recordo-me, 22, rua das Amândinas.

—Perfeitamente. Segui para lá. E quando vos derem o quarto que vos convier (pedi a secção das donzellas) encarregar-me-hei de vos restituir a liberdade.

Para sempre?

Para sempre.

CAPITULO X

Na União Tryphemiana para a Salvação da Infancia

Eram quatro horas, no dia seguinte, quando Pausolo e seus dois ministros foram recebidos na casa da rua das Amândinas.

O Director da Sociedade, conduziu o Rei até um fanteuil, inclinou-se tres vezes diante d'elle e leu emfim, com voz satisfeita e pausada, a seguinte allocução:

—Senhor,

«A União Tryphemiana para a Salvação da Infancia não pode ser comparada ás associações similares dos paizes limitrophes. Aqui, recolhemos as crianças maltratadas physica ou moralmente, mas nosso principal objectivo é salvar-as do perigo moral e dar-lhes a felicidade.

—Acredito; disse Pausolo.

—«Estimamos, Senhor, que a joven creatura aqui recolhida ha pouco, alcance sua liberdade. O direito do pai sobre o filho, bem como do marido sobre a mulher, é, sob um nome qualquer, a forma mais detestavel da escravidão. Si bem que pelas leis modernas, não assiste a ninguem o direito de esbordoar e de sequestrar outro, contudo exerce-se sobre a infancia toda a pressão possível.

—Bem pensado, disse o pagem. Não é, se.

—Muito bem, acudiu o Rei.

(Continúa).